

Muitos desses valiosos materiais são reproduzidos em preto-e-branco nas páginas 53-100 do catálogo. O texto que antecede essa parte ilustrada é de autoria de Klauss-Peter Kästner, um profissional que vem se dedicando à espinhosa tarefa de conferir "status" à pesquisa com materiais etnográficos de museus. A conhecida biografia de Nimuendajú (pp. 5-9) é enriquecida com os frutos da investigação de Georg Menchén (*Nimuendajú, Bruder der Indianer*. Leipzig, Brockhaus, 1979. 236 páginas.) sobre o período formativo do pesquisador em sua cidade natal, Jena. Segue-se uma explicação dos princípios que nortearam a montagem da exposição e, finalmente, a história da investigação científica dos grupos indígenas representados (Karajá, Javahé, Kayapó, Timbira, Guajajara, Tukuna) e o contexto sócio-cultural em que os respectivos artefatos devem ser considerados (pp. 12-48). Um glossário dos termos técnicos utilizados (pp. 49-50) facilita a leitura ao visitante erudito não especializado, seguindo-se uma seleção bibliográfica.

De alto interesse são as fotografias tiradas em campo por Krause, Nimuendajú e Waehner, de que os técnicos de Dresden e Leipzig conseguiram obter reproduções de bom nível. Legendas cuidadas valorizam o testemunho etnográfico de cada chapa, o que torna particularmente valioso o material de Nimuendajú inspirado em cenas da vida cotidiana e cerimonial.

Em suma, trata-se de um catálogo útil para diversos interesses de pesquisa e acredito que surtirão efeito pedidos dirigidos a Staatliches Museum für Völkerkunde Dresden, Karl-Marx-Platz, Japanisches Palais, 8060 Dresden, RDA.

Thekla Hartmann

*

KARIN HISSINK und ALBERT HAHN. *Die Tacana. Ergebnisse der Frobenius Expedition nach Bolivien 1952 bis 1954. I: Erzählungsgut*. Stuttgart, Kohlhammer Verlag, 1961. (692 p. ilustr., resumos em espanhol e inglês) — *II: Daten zur Kulturgeschichte*. Wiesbaden, Franz Steiner Verlag, 1984. 251 p. ilustr., resumos em espanhol e inglês.

Karin Hissink (1907-1981) não foi figura familiar ao antropólogo brasileiro. O círculo mais amplo de americanistas europeus, porém, via nela um dos seus membros mais notáveis, graças às pesquisas que desenvolveu entre grupos indígenas da Bolívia oriental, particularmente entre os Tacana e seus vizinhos. Ao escrever um artigo sobre as máscaras dos índios Chimanes, destinado a integrar as *Contribuições à Antropologia em homenagem ao Professor Egon Schaden* (Coleção Museu Paulista, Série Ensaio, vol. 4, São Paulo, 1981, 362 páginas), um tributo seu ao amigo de longa data, não adivinhava por certo que encerrava definitivamente uma extensa lista de publicações.

Karin Hissink encontrou o caminho para a etnologia, e em especial a americanística, percorrendo as trilhas da filosofia e da pré-história em estudos universitários realizados em Lausanne, Munique e Berlim. Doutorou-se em 1933 com uma tese sobre máscaras como elemento decorativo de fachadas das velhas edificações da península de Yucatan. Embora suas primeiras experiências de campo ocorressem em 1934 e 1935, na Transjordânia, e no deserto da Líbia, no âmbito de grandes projetos do Instituto Frobenius de Frankfurt, voltados para o estudo sistemático de pinturas rupestres, o interesse primordial de Karin Hissink encontrava-se nas Américas, central e do sul, que visitou em diversas ocasiões posteriores. As publicações resultantes encontram-se nos necrológios que lhe dedicaram Otto Zerries (*Paideuma* 27: 3-6), Hermann Trimborn (*Zeitschrift für Ethnologie* 107, 1: 3-6) e Eike Haberland (*Anthropos* 77: 561-563).

Desde o começo da guerra, em 1939, à medida que os colegas eram convocados para o "front", Hissink foi assumindo a direção do Instituto Frobenius, encarregando-se p. ex., da salvaguarda das coleções etnográficas e arqueológicas antes que os bombardeios de março de 1944 destruíssem a sede da instituição, que passou a funcionar na casa dessa mulher de fibra, já que ela mesma sofrera pesadas perdas no âmbito mais estreito da família durante a hecatombe. Apenas nos anos 50, restabelecidas as bases políticas e financeiras do seu país, foi-lhe possível voltar à pesquisa de campo, dentro de um amplo projeto dedicado às interrelações entre os Andes e as terras baixas amazônicas. Karin Hissink passou a trabalhar, de abril de 1952 a junho de 1954, entre os Tacana, os Chama e os Chimane do oriente boliviano. Acompanhava-a o pintor Albert Hahn que, antes de cair prisioneiro de guerra dos russos, havia adquirido seu batismo de fogo nas lides de campo durante a expedição do Instituto Frobenius à Indonésia oriental em 1937/38. A colaboração de artista e etnóloga mostrou-se profícua: retratos de informantes traçados com rara empatia de temperamentos, caráter e experiências de vida acompanham 395 narrativas — sem contar as variantes — da rica tradição mítica dos Tacana.

Depois de uma introdução de 32 páginas, voltada para o contexto em que essa tradição se ancora, seguem-se os textos, divididos de acordo com os temas que os autores extraíram deles: passado e futuro da Terra; origem e organização do mundo atual; deuses e seres divinos; espíritos; animais; o animal e o homem; as plantas e o homem; os objetos e os homens; seres humanos; competições; discussões; tradições históricas; influências externas expressas em alterações dos temas precedentes. As observações finais do livro constituem uma tentativa de captar a visão de mundo dos Tacana com base no material elencado. Em sua resenha (*Zeitschrift für Ethnologie* 90, 2: 311-316), Hermann Trimborn observou que, a partir desse material inteiramente inédito dos Tacana, os autores acabam por constatar — como o fez Karl von den Steinen para as tribos do Alto Xingu, além de Walter Krickeberg e o próprio Trimborn para os povos agricultores das terras baixas sul-americanas em geral — a vinculação desse pensamento mítico no mundo de representações de caçadores e coletores. Hissink e Hahn ainda conseguem isolar e delimitar dois componentes, um mais antigo e outro mais recente, nesse horizonte

caçador. A forma de apresentação dos textos não inibe, porém, o leitor de orientação teórica divergente de fazer uso do manancial de dados contidos nesse primeiro fruto da expedição.

Perpassando dos conhecimentos hauridos na tradição oral dos Tacana, o segundo volume concentra-se nos aspectos econômicos, sociais e religiosos da vida nas comunidades de Ixiamas, Tumupasa e San José de Uchupiamonas. Demografia, aldeias e casas, atividades de subsistência, tecnologia e ergologia, ciclo de vida e mundo das crenças e práticas religiosas são as grandes subdivisões do livro, seguidas de um apêndice — elaborado por Vera-Dagny Stähle e Ingeborg Hernandez — com as letras, em espanhol e em alemão, de 13 canções Tacana. Depois da exaustiva bibliografia (pp. 230-251) vem 24 pranchas fotográficas que abordam os principais assuntos tratados no texto.

O que enriquece sobremaneira esse segundo volume é a preocupação com o detalhe que se expressa em 108 ilustrações de Albert Hahn. Além dos diversos mapas e das plantas baixas das edificações das comunidades investigadas — e de interesse especial são as das casas de culto e dos altares — todos os aspectos da tecnologia e da ergologia são comunicados visualmente através de recursos gráficos novos de grande impacto e extraordinária precisão e beleza. Técnicas têxteis e cesteiras, por exemplo, tão difíceis de destrinchar através da palavra escrita, explicam-se por si mesmas nestes magníficos desenhos. Entre as páginas 106 e 118 enchem os olhos os motivos empregados na tecelagem de faixas, cintos e bolsas, enquanto pequenas legendas esclarecem o conteúdo simbólico de cada um deles. Como não podia deixar de ser, em vista da formação dos dois autores, o fio condutor na apresentação do material consiste no cuidado em evidenciar a cada passo a íntima e indissolúvel relação entre as concepções mítico-religiosas dos Tacana e a sua vida cotidiana. Não é, pois, de admirar, que o capítulo mais denso e rico do livro seja votado às divindades, às tradições mágico-religiosas que presidem à caça e à pesca, aos sonhos e seu significado, à figura do médico-feiticeiro, ao culto, às festas tradicionais e a celebrações de origem cristã.

Thekla Hartmann

*

MARIA BEATRIZ ROCHA TRINDADE E JORGE ARROTEIA: *Bibliografia da Emigração Portuguesa*. Lisboa, Instituto Português de Ensino a Distância, 1984, 90 páginas.

Os que estudam a complexa problemática das migrações humanas sabem avaliar o grande alcance de um inventário bibliográfico como este, feito pela Profa.